

The Year of Three

Ferdinando Frega

GILLETTE: O ANO DO TRÊS — ATO 4

Ainda era cedo naquela manhã de março quando alguém tocou a campainha.

Todos logo começaram a perguntar quem poderia ser. Minha filha Giorgia sorriu e, com absoluta segurança, anunciou:
“Até que enfim. Vieram prender você.”

No fim das contas, era só o carteiro.

Na noite anterior, ele tinha esquecido de entregar um telegrama. Com medo de que o erro lhe custasse o emprego, resolveu corrigi-lo ao amanhecer. Para ele, pelo visto, o horário era um detalhe menor.

Minha mulher abriu o telegrama por curiosidade. Dizia:
“A Ilustríssima Senhora e seu marido estão convidados a participar do evento que se realizará no dia 30 de maio, no Salão dos Arcontes, em Reggio Calabria, intitulado: Gêmeos Nascidos no Ano de 1993.
Favor entrar em contato com a secretaria no prazo de três dias a contar do recebimento deste telegrama para confirmar presença. Não haverá despesa alguma.”

Nós nos olhamos.
Trinta e três anos tinham se passado. Eventos assim não acontecem com frequência. Ficamos curiosos.

Minha mulher começou na mesma hora a sua campanha de recomendações.
Comporte-se.
Não faça nada por impulso.
Fique calmo e lúcido.
Aceite o que nos derem.
Depois volte para casa quietinho.
Ela sorria enquanto falava.
Sabia perfeitamente que aconselhar o lobo sobre como se comportar entre as ovelhas costuma

ser perda de tempo.
Hahahaha.

O dia do evento finalmente chegou.
O salão estava lotado. Não reconhecemos ninguém. Pelo menos eu, não.
O tempo tinha mudado o rosto de todo mundo.
Curiosamente, quase ninguém tinha levado os filhos.

O programa começou com uma palestrante, uma obstetra que tinha trabalhado na clínica naqueles anos.
Ela lembrou que 1993 tinha sido extraordinário.
Houve cinquenta e quatro partos gemelares.
Desses, cinquenta e um foram de meninas.
Apenas três foram de meninos.

Em seguida, o diretor da clínica subiu ao palco e convidou os três casais que tinham produzido os meninos gêmeos a virem à frente.
Quando ouvi meu sobrenome, minha mulher fez discretamente o sinal da cruz.
Uma nova aventura estava começando.
Ela sabia que eu ia falar.
Só não sabia o que eu ia dizer.

Perguntaram ao primeiro casal o que, na opinião deles, tinha causado o parto de gêmeos. O marido respondeu com energia que a boa comida e uma grande paixão provavelmente tinham tido o papel decisivo.
A plateia riu e aplaudiu.

O segundo casal recebeu a mesma pergunta.
Dessa vez foi a mulher quem respondeu, sugerindo que um tratamento hormonal avançado talvez tivesse influenciado de algum modo o resultado.

Então chegou a nossa vez.
Minha mulher tratou de tomar o controle do microfone antes de mim.
Explicou que os partos gemelares atravessavam a história da minha família: eu, meu pai e, antes dele, meu avô.

Para ela, era previsível.

Quase natural.

Tudo corria em segurança.

Aí ela ensaiou o erro fatal.

Tentou me passar o microfone.

Eu o interceptei.

Era uma oportunidade única na vida.

Eu não podia desperdiçá-la.

Expliquei que, naqueles anos, eu trabalhava para a Gillette no atacado.

Naturalmente, eu disse, os partos de gêmeos eram fáceis de explicar.

Era o mesmo princípio das nossas promoções:

leve dois, pague um.

A sala explodiu em gargalhadas.

Animado com a reação, continuei.

“Foi um ano puxado, 1993. Inesquecível. Mas eu também gostaria de registrar que nunca tive a sorte de conhecer nenhuma das senhoras aqui presentes antes daquela data.”

As senhoras sorriram.

Os maridos sorriram menos.

Um equilíbrio se restabeleceu no universo.

Por fim o evento terminou, e fomos em direção à saída.

Já estávamos indo embora quando várias senhoras me pararam.

“Senhor Gillettenarrative”, chamaram.

E naquele momento entendi uma coisa.

Os anos passam.

Os rostos mudam.

As lembranças se apagam.

Mas as histórias viajam mais rápido que as pessoas.

Eu tinha chegado como Ferdinando.

De algum jeito, minhas histórias tinham chegado antes de mim.

Ferdinando